

# AS VOZES DE ATIVISTAS E MILITANTES DO FEMINISMO NEGRO NO VALE DO PARAÍBA

## THE VOICES OF BLACK FEMINISM ACTIVISTS AND MILITANTS OF VALE DO PARAÍBA

Raissa Rodrigues<sup>1</sup>, Elisa Maria Andrade Brisola<sup>2</sup>, Suzana Lopes Salgado Ribeiro<sup>3</sup>

1Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, São Paulo, raissarodriguesbr@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-2065-7061>

2Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, São Paulo, elisabrisola@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9571-0923>

3Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, São Paulo, suzana.lsribeiro@unitau.br, <https://orcid.org/0000-0002-0310-0694>

### Resumo

O objetivo dessa pesquisa é analisar as percepções de ativistas do movimento feminista negro da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil. As ideias e manifestações do feminismo negro emergem como alternativa integradora, pois a realidade das mulheres negras historicamente não foi contemplada pelo feminismo, tampouco pelo movimento negro. A relevância da pesquisa se dá pela possibilidade de conhecer o feminismo negro por meio de suas ativistas, bem como do potencial de gerar benefícios para o movimento feminista negro e para as colaboradoras, pela repercussão no meio acadêmico e na sociedade. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa será qualitativa, com a Metodologia da História Oral. Serão entrevistadas seis ativistas. A análise dos dados será feita por meio da técnica da triangulação. Como resultado, espera-se compreender como ativistas do movimento feminista negro do Vale do Paraíba percebem sua atuação, bem como o processo de construção e desenvolvimento das pautas feministas.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano, Feminismo, Gênero, Interseccionalidade, Raça.

### Abstract

*The goal of this research is to analyze the perceptions of black feminist movement's activists of the Metropolitan Region of Vale do Paraíba. The ideas and manifestations of black feminism emerge as an integrating alternative, as the reality of black women has historically not been contemplated by feminism, nor by the black movement. The relevance of this research is given by the possibility of knowing black feminism through its activists, as well as the potential to generate benefits for the black feminist movement and for the collaborators, due to the repercussion in the academic environment and in the society. From the methodological point of view, the research will be qualitative, with the Oral History Methodology. Six activists will be interviewed. Data analysis will be performed using the triangulation technique. As a result, it is expected to understand how activists of the black feminist movement in Vale do Paraíba perceive their performance, as well as the process of construction and development of feminist agendas.*

Keywords: Human Development, Feminism, Gender, Intersectionality, Race.

## 1 INTRODUÇÃO

O racismo e as opressões de gênero e classe são enfrentados por grande parte da população mundial. O histórico de dominação, colonização e escravização de populações africanas fez com que o racismo ganhasse dimensões estruturais<sup>1</sup>. As relações sociais, orientadas pelo patriarcado, naturalizaram a subalternização das mulheres e a desigualdade de direitos civis e políticos. O capitalismo, por fim, se desenvolveu com o acirramento da concentração de renda e da divisão

<sup>1</sup> Silvio de Almeida esclarece que “o racismo é sempre estrutural”. Isso significa que o racismo “é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2018).

desproporcional de bens e poder. Apesar disso, os grupos marginalizados por uma ou mais categorias de opressão se mobilizaram para buscar novas condições de existência nessa sociedade.

As mulheres negras são perpassadas por essas opressões – raça, gênero e classe – ao mesmo tempo em que são marginalizadas por outras categorias como sexualidade, nacionalidade e idade. Essas questões sempre foram centrais para as feministas negras, seus movimentos, práticas e teorias. As ativistas se esforçam para refutar e transformar o sistema que as considera subjugadas e incapazes de exercer as mesmas funções e de ter os mesmos direitos que o restante da população. Dado esse contexto, se faz relevante analisar e refletir sobre as seguintes questões: Como o feminismo negro se constituiu diante de um cenário tão desafiador? De que forma o feminismo considera e discute as questões raciais brasileiras? Qual é a percepção de ativistas que contribuíram para o desenvolvimento do movimento feminista negro no Brasil e, mais especificamente, no Vale do Paraíba?

## **2 JUSTIFICATIVA**

Mulheres negras do Brasil e dos mais variados lugares do mundo enfrentam diariamente a violência, o preconceito e outras formas de opressão exercidas por meio de instituições e da sociedade em geral. Ainda que sejam bastante diversos, os movimentos feministas muitas vezes se organizam com o intuito de promover discussões sobre as experiências vivenciadas por mulheres negras, tanto no espaço público como no privado.

Estudar os feminismos, especialmente aqueles articulados por mulheres negras, faz perceber que o lugar ocupado pelas mulheres passa, invariavelmente, por, pelo menos, 3 (três) categorias de opressão: raça, classe e gênero. Patrícia Hill Collins (2019) explica que a escravidão praticada nos Estados Unidos associava essas opressões, e isso se perpetuou na vida das mulheres negras. Sabe-se que o regime escravocrata brasileiro agiu de forma muito parecida.

Os índices de feminicídio evidenciam essa questão, pois as mulheres continuam enfrentando a violência, apesar de terem conquistado alguns avanços por conta de suas reivindicações. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), 87 mil mulheres foram vítimas de feminicídio em 2017 e mais da metade de todos esses assassinatos foram cometidos por ex-maridos, companheiros ou parentes próximos.

Quando se relaciona a questão de raça a esses índices, a comparação revela uma situação ainda mais grave para as mulheres negras do Brasil. Dados do Mapa da Violência (2015), entre 2003 e 2013, indicam que aconteceu uma redução de 9% no feminicídio de mulheres brancas enquanto as mortes de mulheres negras cresceram 54,2% nesse mesmo período. Segundo dados do estudo denominado “Balanço 10 anos – Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher”, elaborado em 2015 pela Secretaria de Políticas para as Mulheres, que fazia parte do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, 58,55% de todas as mulheres que utilizaram o serviço eram negras. A respeito disso, Carneiro (2003) sustenta que o racismo atua como fortalecedor da discriminação de gênero<sup>2</sup>, deixando a mulher negra ainda mais vulnerável frente à violência.

---

<sup>2</sup> Para Butler: “Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2004, p. 253).

Entende-se então que compreender o feminismo negro é perceber a dinâmica histórica e atual que submete as mulheres negras à desigualdade de oportunidades, direitos e até de narrativas. Por isso é tão necessário considerar a história, e as demandas, de mulheres que se engajaram na militância do movimento feminista negro. Sistematizar suas experiências, relatos e reflexões, contribui para que essas histórias não sejam mais silenciadas. E também para que o esforço dessas mulheres não seja em vão.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa se realiza por abordagem qualitativa, pois abrange aspectos e fenômenos sociais, os quais se relacionam com o contexto histórico e social. Essa característica nos permite conceituar seu objeto como qualitativo em sua essência, bem como os demais objetos das Ciências Sociais (Minayo, 2002). O feminismo negro requer que as subjetividades individuais e do grupo sejam contempladas. E “a pesquisa qualitativa valoriza o subjetivo, e a identidade de um grupo como reflexo das experiências e sentimentos dos indivíduos que o compõem” (RIBEIRO, 2007, p. 223).

Para atingir os objetivos propostos, será utilizada também a História Oral como meio para estabelecer aproximação e diálogo com ativistas do feminismo negro. A História Oral pode ser entendida como um método utilizado para a realização de entrevistas e análise da narrativa de indivíduos ou grupos sociais.

História Oral pode ser definida como um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de sujeitos considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos (CARVALHO; RIBEIRO, 2013, p. 13).

Assim como algumas outras metodologias de trabalho, a História Oral foi conceituada por vários autores. São observadas distinções na elaboração de cada autor, mas a centralidade no diálogo e na narrativa é sempre o fio norteador desses conceitos. Considerar as subjetividades também faz parte dos trabalhos que utilizam a História Oral. Portelli (2016), por exemplo, sugere que a memória, a narrativa e o diálogo, juntamente com a subjetividade, devem estar presentes na atuação do historiador/pesquisador que faz uso da História Oral.

Nessa metodologia, as narrativas ganham destaque na produção do conhecimento. Meihy (2005) afirma que “a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam os depoimentos como atenção central dos estudos” (MEIHY, 2005, p. 49). Além disso, a voz de indivíduos e/ou grupos sociais que foram silenciados historicamente adquirem a possibilidade de se afirmar.

A História Oral possui variantes operacionais que delimitam o enfoque das entrevistas. Neste trabalho será utilizada a História Oral de vida. Esse tipo de “narrativa com aspiração de longo curso – daí o nome ‘vida’ – [...] versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 82). Ela se diferencia da História Oral temática porque não busca compreender um evento ou fato específico, mas sim o conjunto de experiências vivenciadas por indivíduos e/ou grupos sociais.

Para Meihy, “a história oral tem etapas e [...] se concretiza como processo ao longo do planejamento detalhado, das gravações, da operação de cuidados materiais (gravação, arquivamento, trabalho de transcrição), autorização do colaborador,

inscrição na análise e produção final do texto” (MEIHY, 2005, p. 109). O processo de trabalho em História Oral que será desenvolvido neste trabalho envolve, ainda de acordo com Meihy (2005), (1) a elaboração do projeto, (2) a realização e gravação da entrevista, (3) a confecção do documento escrito, (4) análise do texto final e (5) devolução do produto.

Após a finalização das duas primeiras etapas, a confecção do documento escrito adotará o procedimento de transcrição. Nesse procedimento, a oralidade da entrevista é traduzida em palavras e ajustes são feitos para auxiliar na compreensão do texto final, que será apresentado ao público. A transcrição tem como objetivo manter o sentido do que foi falado e dar clareza para o conteúdo do texto. Os ajustes são uma interferência do autor com o objetivo de elucidar a narrativa através de melhorias na redação (Meihy, 2005). Para isso, erros de gramática podem ser corrigidos e ruídos desnecessários eliminados. Também podem ser incorporados aspectos não verbais, como movimentos corporais e demonstração de emoções, como risadas e choro (Meihy, 2005).

As participantes desta pesquisa serão 6 (seis) mulheres, nomeadamente ativistas ou participantes de grupos e/ou coletivos que atuam em causas do movimento feminista negro na RMVP. A escolha de ouvir mulheres engajadas em movimentos sociais que reivindicam o fim das desigualdades fundamentadas em discriminações por raça, gênero e classe social se justifica pelo objetivo principal deste estudo, que é o de compreender qual é a percepção de ativistas a respeito do histórico e da situação atual do movimento feminista negro no Brasil, e, mais especificamente, no Vale do Paraíba.

Diferentemente de pesquisas quantitativas, que definem suas amostras por meio de cálculos matemáticos e estatísticos que indicam o número de participantes que devem ser ouvidos para que o resultado seja capaz de reproduzir, com a maior exatidão possível, o comportamento de determinado grupo, nas pesquisas qualitativas essa definição acontece de outra forma. Isso ocorre porque determinados indivíduos, como é o caso de ativistas dos movimentos feministas negros, não falam por si só, pois suas histórias e sua atuação representam muitas outras. De acordo com o Dicionário de Sociologia, “grupo é um sistema social que envolve interação regular entre seus membros e uma identidade coletiva comum”. Com isso, entende-se que a identidade das mulheres participantes desta pesquisa será representativa de histórias, características e demandas dos grupos sociais feministas, especificamente do movimento feminista negro.

Serão entrevistadas 2 (duas) representantes de movimentos do feminismo negro de cada uma das principais cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, a saber: São José dos Campos, Jacareí e Taubaté. Será utilizado o conceito de rede para a seleção das entrevistadas. Esse conceito surgiu no âmbito do processo de desenvolvimento de pesquisas e é bastante aplicado em estudos que utilizam a história oral como metodologia (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2018, p. 413).

Redes de entrevistados [...] é [um] conceito que pode ser definido – a partir de trabalhos como Meihy (1991, 1998, 2005) e Meihy e Ribeiro (2011) – como grupos de pessoas a serem entrevistadas indicados por colaboradores da pesquisa. As redes se estabelecem no decorrer do trabalho de acordo com a aceitação e adesão das pessoas indicadas (RIBEIRO; OLIVEIRA, 2018, p. 414).

Em outras palavras, a primeira participante indica outras ativistas e assim sucessivamente. As indicações vão acontecer até que o número de entrevistas estipulado pelo projeto seja atingido. Em casos onde o pesquisador não conhece os indivíduos que deseja entrevistar, a rede é uma forma de superar essa barreira, além de assegurar articulação entre os argumentos apresentados pelos entrevistados, que mesmo em número reduzido, poderão compor ou contrapor argumentos, de maneira a indicar caminhos de interpretação e análise.

#### **4 RESULTADOS ESPERADOS**

Com a condução deste trabalho, espera-se que seja possível conhecer e compreender como militantes/ativistas do movimento feminista negro da região do Vale do Paraíba percebem suas atuações no movimento, assim como o processo de construção das pautas feministas nesta região.

Por meio dos diálogos e da pesquisa, existe também a expectativa de entender como são construídas as identidades e a práxis das ativistas, e também quais são as principais dificuldades que elas enfrentam. Igualmente, espera-se investigar as contribuições que a teoria feminista exerce na militância destas mulheres, e como essa influência propicia a construção de suas identidades e narrativas.

#### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BUTLER, J. Gender Regulations. *In*: BUTLER, J. **Undoing Gender**. New York, London: Routledge, 2004, p.40-56. Tradução: Cecília Holtemann. Revisão: Richard Miskolci. *Cadernos Pagu*. 2014, n. 42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008). Acesso em: 23 jun. 2021.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, M. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

RIBEIRO, S. L. S.; CARVALHO, M. L. M. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2013.

RIBEIRO, S. L. S.; DE OLIVEIRA, P. R. Narrativas em rede: argumentos coletivos e histórias de vida na educação. RIDPHE\_R **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, v. 4, p. 412-430, 2018.

RIBEIRO, S. L. S. **Tramas e traumas: histórias de vida e identidades em marcha.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil.** Brasília:

OPAS/OMS, **ONU Mulheres**, SPM e Flacso, 2015. Disponível em:  
[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 29 jul. 2021.